O evangelho às avessas de Saramago ou o divino demasiado humano ou o Deus que não sabe o que faz

Fernando Segolin*

Neste final de século e de milênio, em que pontificam os pós-modernismos, pós-estruturalismos, desconstrutivismos, teorias cognitivistas e sistêmicas da literatura, da arte, da ciência, do universo, novas tecnologias, mídias digitais, experimentos criativos verbais, sonoros e visuais em linguagem *high-tech*, a obra de Saramago nos evoca ainda o velho contador de histórias, ao pé da fogueira ritual ou da lareira doméstica, em noites europeias de inverno ou em noites tropicais sem lareiras, a tecer, com a voz e o corpo, enredos fantásticos sobre seres não menos fantásticos ou a transformar, com a magia do verbo e da voz, as miudezas e os pequenos gestos do cotidiano em momentos epifânicos reveladores, pondo a nu heroísmos e fantasmas insuspeitados e recônditos no âmago do ser humano, deflagrando sonhos, pondo em cena nosso teatro interior, estimulando-nos a trazer à luz os anjos e demônios que nos habitam. Ou como, esclarecedoramente, afirma Conceição Madruga:

Saramago revela-se-nos, desde logo, o contador da História e de histórias, que nos fascinam e nos apaixonam. É a grande Voz e o grande Olho, dizendo o que ouviu e viu, lá em nenhum lugar, nem em nenhum tempo, porque, como ele próprio refere, tudo provavelmente são ficções. (1998, p. 15)

A obra toda de Saramago, desde a questão da busca insaciável de si mesmo, empreendida pela personagem H. (referência evidente ao homem que todos somos), nos desvãos labirínticos de sua escritura, em **Manual de pintura e caligrafia**, enveredando pela saga de uma família alentejana, relatada, ora em linguagem coloquial, em tom de conversa ao pé do fogo, entremeada de lenda

* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

e aforismos, ora em linguagem quase oracular, de ressonâncias bíblicas, em **Levantado do chão**; perdendo-se, a seguir, nas sinuosidades dos longos diálogos entre as personagens, na perseguição utópica da palavra inaugural, palavra silenciosa, capaz de dizer o indizível e, assim, recriar o mundo, em **Memorial do convento**; caminhando com Reis e Pessoa por uma Lisboa escritural e labiríntica, a refletir, irônica e carinhosamente, sobre a verdade e a ficção, sobre os seres irrealis que somos, perdidos nas entrelinhas das palavras que nos nomeiam, nos rotulam, nos dizem sem dizer, nos transformam em fantasmáticas mentiras verídicas, em **O ano da morte de Ricardo Reis**; viajando, dentro de nós mesmos, na jangada de gestos, vozes, dúvidas, sonhos, certezas e incertezas, de que é feita nossa Ibéria interior, ou fora de nós mesmos, com a jangada de pedra em que se converteu a Ibéria exterior, livre dos elos que a prendiam ao velho continente, a navegar Atlântico abaixo, rumo do novo mundo, à procura talvez de suas verdadeiras raízes, em **A jangada de pedra**; mergulhando no âmago da escritura, para aí colher a ficção salvadora, que reinvente a história e desvele o verdadeiro homem e o verdadeiro mundo que se ocultam por trás de nossas máscaras linguageiras, em **História do cerco de Lisboa**; perambulando com Jesus por uma Palestina mais interior que exterior, à procura de conciliar o deus e o demônio que vivem em nós e nos definem, em **O Evangelho segundo Jesus Cristo**; ou, ainda, buscando luz e verdade nos desvãos escuros e cegos de nossas mentiras e ficções, em **Ensaio sobre a cegueira**; a obra toda de Saramago, repito, é, e continua sendo, na verdade, um livro só, um romance único, tecido por um hábil contador de histórias – manipulador irônico e sedutor de casos, de “causos”, se me permitem o termo, luso-ibéricos, mitos, lendas, relatos bíblicos, ditos populares, fatos históricos, coloquialismos, ecos de outros textos, sobretudo os de Camões e Pessoa – empenhado em traçar, nesse seu labirinto feito de palavras, vozes e gestos (nos textos de Saramago, o discurso verbal tem corpo e voz, ou seja, incorpora marcas claramente audíveis do discurso oral, ao mesmo tempo que permite ver uma coreografia de gestos nos seus longos parágrafos em que as várias vozes narrativas se confundem com as das personagens, sem que os limites destas ou daquelas sejam demarcados por sinais precisos de pontuação), a trama digressiva, de idas e vindas, acertos e erros, luminosidades epifânicas e obscuridades cegantes, que caracteriza nossa busca teimosa, consciente ou inconsciente, de auto-conhecimento e auto-encontro. Ou, lembrando mais uma vez Madrugá:

Os romances de Saramago podem ser lidos como se fossem um só: livro de peregrinações interiores, travessias na memória de gerações de um povo, fixando seus mitos, sublimando-os e interrogando-os (op. cit., p. 21), e inscrevendo assim os traçados de uma busca (...) através do caráter fundador do Verbo,

A escritura de Saramago, intertextual, dialógica, onde ecoam diferentes vozes e textos, semântica, lógica, sonora e até visualmente coleante e sinuosa, e, por isso mesmo labiríntica, lembra-me um autor que sempre gosto de citar, Roland Barthes, mas não o Barthes estruturalista, e sim o Barthes do prazer do texto, do saber com sabor, da escritura como transgressora artilosa e negaceante da língua no interior da própria língua, da escritura como festa de saberes. (cf. Barthes, 1980, p. 15, 16, 18, 21)

A escritura de Saramago é exatamente essa festa deslocadora, destronadora, empenhada em arrancar nossas certezas e pseudo-verdades dos pedestais sólidos em que foram assentadas e pô-las em cena num palco girante, com o intuito de despi-las de sua monovalência e iluminar-lhes inversivamente sua natureza complexa, prismática, incerta, de campo de possibilidades equiprováveis.

Tal como os demais romances de Saramago, é isto que também é, antes de tudo, o seu **Evangelho**. Como evangelista, Saramago não se propõe apenas a contar/recontar a história do nascimento, vida, paixão e morte de Cristo, e sim tecer um texto coreográfico, feito do encontro/desencontro de fragmentos textuais recolhidos da Bíblia, dos evangelhos canônicos, dos evangelhos apócrifos, da história da Palestina dos primeiros setenta anos da nossa era, de Camões, de Fernando Pessoa, bem como da releitura e alusões referentes a obras pictóricas como a **Crucifixão**, de Dürer e **A Madona da serpente e São João Batista**, de Caravaggio. (cf. Ferraz, 1997, p. 13-38)

Dessa forma, o Evangelho de Saramago se configura não como uma narrativa propriamente, e sim, segundo Salma Ferraz, como “um vitral colorido e multifacetado, absorvendo, transformando, reescrevendo, ironizando, replicando” um sem número de textos com os quais dialoga, transformando-se assim num “rico espelho que reflete em si pinturas, escrituras e poesias, enfim, um calidoscópio deseangelizador, no qual os únicos canonizados são os pobres seres humanos”. (Ferraz, 1997, p. 35)

É nesse espaço calidoscópico, plural, prismático, que Jesus, Maria, José, Maria de Magdala, os discípulos de Cristo, Deus e o diabo, vão reencenar não a tragédia da paixão, mas a tragédia de todo homem, em confronto com o divino e o demoníaco, em eterna busca de si mesmo.

Preocupado em revisitar a paixão de Cristo de um ângulo rigorosamente humano (do ângulo de seu protagonista principal), Saramago põe frente a frente, de um lado, o Cristo homem, filho de Deus, e, de outro, o Deus-Pai, ser concebido à imagem e semelhança do Homem (seu verdadeiro criador), acompa-

nhado de sua (de Deus) contraparte, não propriamente negativa, mas telúrica, o Demônio, uma espécie de mensageiro terreno do Pai celeste.

O Demônio de Saramago, diga-se de passagem, embora mensageiro de Deus na Terra, encarna também o *mal*, mas não enquanto pólo oposto ao *bem* (que se identificaria com Deus) e sim como outra face do divino (Deus em sua totalidade e perfeição seria também o Demônio, já que o *bem* não poderia jamais existir sem sua contraparte maléfica). É exatamente isso que Deus afirma a seu filho, quando este, no deserto, o interroga sobre o estranho Pastor para o qual trabalha: “É um anjo, ou um demônio, É alguém que eu conheço, Mas diz-me, é anjo, é demônio, Já to disse, para Deus não há frente nem costas, passa bem” (Saramago, 1992, p. 264). Mais tarde, Jesus descobre, ao vê-los juntos, que Deus e o Diabo são, na verdade, estranhamente parecidos: “Jesus olhou para um, olhou para outro, e viu que, tirando as barbas de Deus, eram como gêmeos, é certo que o Diabo parecia mais novo, menos enrugado, mas seria uma ilusão dos olhos ou um engano por ele induzido” (p. 368). Essa unidade dual divino-demoníaca fica mais explícita ainda quando o Deus de Saramago declara, peremptoriamente, ao Demônio que lhe pede que o perdoe e o aceite no paraíso, erradicando assim todo o mal existente na terra e no universo:

Não te aceito, não te perdoo, quero-te como és, e, se possível, ainda pior do que és agora, Porquê, Porque este Bem que eu sou não existiria sem esse Mal que tu és, um Bem que tivesse de existir sem ti seria inconcebível, a um tal ponto que nem eu posso imaginá-lo, enfim, se tu acabas, eu acabo, para que eu seja o Bem, é necessário que tu continues a ser o Mal, se o Diabo não vive como Diabo, Deus não vive como Deus, a morte de um seria a morte do outro. (p. 392-393)

Justamente porque é uma espécie de projeção ou manifestação de Deus no plano terreno e humano, o Demônio é, na verdade, um Deus terreno, Anjo protetor e Senhor do Homem neste planeta, sendo por isso também Pastor, encarregado de pastorear, como Deus e Senhor que também é, um rebanho sempre crescente de humanas ovelhas:

Que nome é o teu, Para as minhas ovelhas não tenho nome, Não sou uma ovelha tua, Quem sabe, Diz-me como te chamas, Se fazes tanta questão de dar-me um nome, chama-me Pastor, é o suficiente para que me tenhas, se me chamares. (p. 227)

Deus, por sua vez, é a contraparte benéfica do Demônio no plano celeste, do qual é senhor, ao mesmo tempo que é pai e criador das humanas ovelhas que o pastor demoníaco guarda e protege no plano terreno. Esse plano é demo-

níaco, porque entrópico, delimitado pela morte e destruição. O plano celeste, por sua vez, é divino, porque neguentrópico, indelimitado, não sujeito a qualquer fim. Entre esses dois planos ou manifestações cósmicas, não necessariamente opostas, mas antes complementares, situa-se o homem. *Quem sou eu*, pergunta-se o Jesus de Saramago num momento de desespero, e

os montes e os vales não lhe respondem, nem o céu que tudo cobre e tudo devia saber (...) Homem, o caso não é para tanto, lágrimas, soluços, que é isso, todos nós temos os nossos maus bocados, mas há um ponto importante de que nunca falámos, digo-te agora, na vida, percebes, tudo é relativo, uma coisa má até pode tornar-se sofrível se a compararmos com uma coisa pior, portanto enxuga-me essas lágrimas e porta-te como um homem (...) o que não me agradou muito foi a história com a Maria de Magdala, uma puta, mas enfim, estás na idade, aproveita, uma coisa não empata a outra, há um tempo para comer e um tempo para jejuar, um tempo para pecar e um tempo para ter medo, um tempo para viver e um tempo para morrer. (Saramago, 1992, p. 303-304)

O Homem é mortal, mas aspira à imortalidade; está sujeito ao tempo, mas aspira à eternidade; é criatura, mas aspira a ser criador. A tragédia humana reside exatamente na consciência que temos dessa nossa fragilidade intervalar, mas, por outro lado, é nessa consciência que se assenta contraditoriamente nossa força e nossa humanidade: ser humano é ser capaz de pensar-se homem entre um Deus e um Demônio igualmente pensados e concebidos pelo próprio Homem, e nos quais projeta a completude e inteireza que não tem, assim como suas fragilidades, desequilíbrios, contradições e culpas. Ou seja, seres complexos, divinumanos, cabe a nós, seres humanos, buscar um centro luminoso e equilibrado nesse emaranhado, um centro nirvânico onde todas as forças e energias se integrariam e se anulariam apaziguadoramente. É exatamente esse centro que o herói de Saramago, como o escolhido e o iniciado que é, deve buscar no espaço labiríntico do mundo e de sua humanidade.

Demasiado humano porém, filho espúrio e ocasional de um Pai-Deus concebido por ele próprio, e de uma mulher, que além de ser comum e não ser virgem, nem sequer foi escolhida – calhou apenas ter sido encontrada por acaso pelo Diabo/Anjo/Deus, no momento em que este passava por Nazaré, e em situação propícia para a inseminação da semente divina, já que acabara de ter relações sexuais com José, seu marido (*Então, o Senhor não me escolheu, Qual quê, o Senhor ia só a passar, quem estivesse a olhar tê-lo-ia percebido pela cor do céu, mas reparou que tu e José eram gente robusta e saudável, e então, se ainda te lembras de como estas necessidades se manifestavam, apeteceu-lhe, o resultado foi, nove meses depois, Jesus*) (p. 311-312) – o Cristo Homem traz consigo, como todos nós, todas as marcas de nossa humana fragilidade e de

nossa força divina: o estigma do pecado, a culpa ancestral e paterna, a impureza do sexo, o egotismo, a superioridade do macho, a inferioridade da mulher, o medo da morte, mas também a capacidade de sublimar tudo isto pela prática consciente da imaginação, do altruísmo, da liberdade, da justiça, do amor.

Ovelha ocasionalmente escolhida em meio a outras, filho de um Deus-Pai demasiado humano, porque criatura também, Jesus, ao mesmo tempo que busca saber quem é, ou seja, ao mesmo tempo que se busca no labirinto de si mesmo, de seus deuses e de seus demônios, é observado e vigiado por Deus-Pai e pelo Diabo-Pastor, interessados ambos em prepará-lo para uma outra e importante missão: a da conquista, para o rebanho divino, de cada vez mais humanas ovelhas, até que se atinja a humanidade inteira, através da difusão, por toda a terra e para a glória de Deus-Todo Poderoso, da religião do pecado, da culpa e do arrependimento. Para que tal religião se instaure e se difunda, porém, é necessário o sacrifício, a imolação, o martírio do Filho de Deus, a Ovelha Divina, Jesus: *E qual foi o papel que me destinaste no teu plano, O de mártir, meu filho, o de vítima, que é o que de melhor há para fazer espalhar uma crença e afervorar uma fé.* (Saramago, 1992, p. 370)

O Filho precisa morrer, não pela humanidade, mas para maior honra, poder e glória de Deus, que só assim se transformaria, pela seara da culpa e do pecado e pela arma poderosa do perdão, em Pastor, Senhor e Proprietário único de toda a humanidade, e não mais apenas do pequeno rebanho de judias ovelhas:

Se cumprires bem o teu papel, isto é, o papel que te reservei no meu plano, estou certíssimo de que pouco mais de meia dúzia de séculos, embora tendo de lutar, eu e tu, com muitas contrariedades, passarei de deus dos hebreus a deus dos que chamaremos católicos, à grega (...) Serás a colher que eu mergulharei na humanidade para a retirar cheia dos homens que acreditarão no deus novo em que me vou tornar. (p. 370 e 372)

Filho sujeito irrevogavelmente à vontade de um Pai egótico e ávido de poder, só cabe a Jesus semear a culpa e prometer o perdão pelo amor de Deus. Não há saída, Deus-Pai quer (por força) trazer de volta para o seu paraíso os filhos de Adão, a fim de anular a solidão em que tem vivido desde a expulsão de seu casal de primogênitos (*Faltam-te os homens, Pois faltam, e para que eles venham a mim é que tu serás crucificado*) (p. 379). Mas para que a glória do Deus único e verdadeiro seja maior e total, é necessário que sua fama ultrapasse os limites acanhados da Palestina; e isso só é possível com o sacrifício e a morte do Filho (o criador), já que o Pai (criatura e obra sua), metáfora de sua incontida ânsia de poder e eternização, não pode morrer.

É verdade que, para conquistar o mundo, o Deus pretendidamente único terá de se defrontar com seus inúmeros rivais, deuses falsos e espúrios, criaturas de outros tantos homens aspirantes ao poder e à eternidade; e o sacrifício de Jesus acabará, em conseqüência, por gerar milhares e milhares de outros tantos martírios e imolações:

Disse Deus, Haverá uma Igreja, que, como sabes, quer dizer assembléia, uma sociedade religiosa que tu fundarás, ou em teu nome será fundada, o que é mais ou menos o mesmo se nos ativermos ao que importa, e essa Igreja espalhar-se-á pelo mundo até a confins que ainda estão por conhecer, chamar-se-á católica porque será universal (...) mas os caboucos dela, para ficarem bem firmes, haverão de ser cavados na carne, e os seus alicerces compostos de um cimento de renúncias, lágrimas, dores, torturas, de todas as mortes imagináveis hoje e outras que só no futuro serão conhecidas. (Saramago, 1992, p. 379, 380, 381)

O domínio do Pai-Deus sobre todo o orbe para sua maior honra e glória, portanto, só pode ser erigido sobre um pedestal de horrores, carnificina, morte, destruição. É o preço que o homem tem de pagar pela concretização de seus sonhos de poder e imortalidade.

Para o Pai todo poderoso, porém, pouco importam os meios, desde que os fins sejam alcançados. Para o Filho, ser intervalar, consciente de sua divina humanidade, o que importa é salvar os homens da desmedida ambição divina, que não é senão o reflexo da insaciável insatisfação humana, que também é divina exatamente porque é humana e, inversa e paradoxalmente, que é humana por ser divina:

A insatisfação, meu filho, foi posta no coração dos homens pelo Deus que os criou, falo de mim, claro está, mas essa insatisfação, como todo o mais que os fez à minha imagem e semelhança, fui eu buscá-la aonde ela estava, ao meu próprio coração, e o tempo que desde então passou não a fez desvanecer, pelo contrário, posso dizer-te, até, que o mesmo tempo a tornou mais forte, mais urgente, mais exigente. (p. 369)

Filho do homem, antes de tudo, e só por acaso de Deus também, filho legítimo de José e Maria (*nascestes filho de um carpinteiro de obra grossa chamado José e de uma cardadora de lã chamada Maria*) (p. 226), filho espúrio e ocasional de um Deus demasiado humano, egótico e ambicioso, Jesus concebe uma estratégia para evitar que morra na cruz o Filho de Deus: no momento propício, renega sua filiação divina, recusa-se a pregar e fazer milagres e afirma-se apenas Rei dos Judeus, o Messias prometido e esperado, o líder do pequeno grupo de revoltosos que luta contra o poder romano:

Que dizes que tu és, perguntou o procurador, Digo o que sou, o rei dos Judeus, E que é que pretende o rei dos Judeus que tu dizes ser, Tudo o que é próprio de um rei, Por exemplo, Governar o seu povo e protegê-lo, Protegê-lo de quê, de tudo quanto esteja contra ele, Protegê-lo de quem, De todos quantos contra ele estejam, Se bem compreendo, protegê-lo-ias de Roma, Compreendeste bem, E para o protegeres atacarias os romanos, Não há outra maneira, E expulsar-nos-ia destas terras, Uma coisa leva à outra, evidentemente, Portanto, és inimigo de César, Sou o rei dos Judeus, Confessa que é inimigo de César, Sou o rei dos Judeus, e a minha boca não se abrirá para dizer outra palavra. (Saramago, 1992, p. 442)

Preso, Jesus é condenado, já que insiste em proclamar-se revolucionário. Deve morrer na cruz como inimigo de Roma. Espera assim que os humanos planos divinos não se concretizem. Morrendo como simples rebelde, como filho do homem e não como o Filho de Deus, não há possibilidades de o Pai-Deus utilizá-lo como vítima e semente divinas de uma nova religião, como o semeador da culpa e do pecado para toda a humanidade.

No momento pré-agônico, porém, montado todo o cenário do Gólgota, abre-se o céu por cima da cabeça de Jesus, e Deus aparece e proclama para toda a humanidade: *Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência.* (p. 444)

Ferido de morte por Deus-Pai Todo Poderoso, pelo egótico e ambicioso Senhor da humanidade, pelo Criador feito à imagem e semelhança do Homem, pela Criatura Divina sedenta de amor e glória como todos os seus humanos criadores, Cristo, o Cordeiro de Deus, semente à revelia da religião da dor, num gesto supremo e divino de perdão, proclama para a pequena assembléia a seu redor (que a humanidade não o ouça): *Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez.* (p. 444)

Evangelho paródico, blasfemo, inversivo, o Evangelho de Saramago arranca, no seu final, a máscara sígnica que colamos na cara de Deus, e exhibe, desnudo, o homem ao próprio homem, em todo o seu poder (para o bem e para o mal), em toda a sua ambição de glória, em toda a sua capacidade de sublimação ou de destruição, mas também em toda a sua força criadora: Ele (homem) que é o Senhor do Signo, o Instaurador das Ideologias, Religiões, Culturas, Civilizações, o Senhor do Mundo e o Criador dos Deuses, Humano e Divino, Divinumano, Divino Demasiado Humano.

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1980.

FERRAZ, Salma. **Ensaio: Saramago, Fernando Pessoa e Eça de Queirós**. São Paulo: Cone Sul, 1997.

MADRUGA, Conceição. **A Paixão segundo José Saramago**. Porto: Campo das Letras, 1998.

SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.